

ALEXANDRINA MARIA DA COSTA, MÃE ESPIRITUAL (1904-1955)

Alexandrina nasceu em 30 de março de 1904, em Balazar, Portugal, a cerca de 35 km ao norte do Porto.

Aos seis anos e meio, foi para Póvoa de Varzim a fim de frequentar a escola com sua irmã. Após dezoito meses, retornou para junto da família para trabalhar no campo. Nunca mais voltaria à escola.

Por volta dos 12 anos, caiu gravemente doente, recebeu os últimos sacramentos e recuperou a saúde.

Dois anos depois, ao subir em um carvalho para colher hera para o gado, caiu e se feriu seriamente. A partir desse momento, passou a sentir dores constantes e só conseguia trabalhar com grande dificuldade.

Aos quatorze anos e meio, precisou abandonar suas ocupações e consultar médicos.

Certo dia, trabalhava na costura com sua irmã Deolinda e uma amiga. As três perceberam três homens que se aproximavam da casa. Um deles havia sido seu patrão no campo; o outro era um agricultor casado; o terceiro, um solteiro. Alexandrina conta:

“Minha irmã, desconfiando de suas más intenções, mandou que trancássemos a porta da sala que dava para a escada externa. Logo eles subiram a escada e bateram à porta, dizendo para abrirmos.”

Como recusamos, aquele que fora meu patrão — conhecendo bem nossa casa — foi em direção à escada interior, tentando entrar por uma escotilha (os outros dois ficaram do lado de fora). Essa escotilha estava fechada e protegida por uma máquina de costura.

Então ele pegou uma marreta e começou a golpear as tábuas até arrombá-las, conseguindo assim penetrar em nossa casa. Minha irmã abriu rapidamente a porta e fugiu, embora os dois homens do lado de fora a tivessem agarrado pelo vestido. Nossa amiga fez o mesmo, mas foi detida.

Eu, por minha vez, decidi pular pela janela que dava para o jardim (quatro metros de altura). O impacto foi tão forte que não consegui mais me mover.

Contudo, num impulso de energia, levantei-me e, com um bastão na mão, corri até onde estava minha irmã, repelindo um deles; depois subi até a sala onde estava nossa amiga, empurrando o outro e, com olhar e tom ameaçadores, adverti-os de que gritaríamos e pediríamos socorro se não fossem embora. Então, fugiram...”

As dores físicas de Alexandrina aumentaram, e segundo a opinião unânime dos médicos, o salto pela janela para preservar sua virtude foi a causa de seus sofrimentos.

Aos 19 anos, precisou permanecer de cama. O médico informou à sua mãe que previa uma paralisia — o que de fato aconteceu com o agravamento constante da doença ao longo dos anos.



Os médicos diagnosticaram uma compressão medular que a impediu de se mover e lhe causava dores intensas.

Nos primeiros anos da doença, Alexandrina desejava curar-se e tornar-se religiosa.

Decepcionada em suas esperanças de cura, deixou de pensar nisso:

“A partir de então, tive apenas um desejo ardente: amar o sofrimento e pensar unicamente em Nosso Senhor [...] Sem saber como, ofereci-me a Nosso Senhor como vítima e pedi muitas vezes o amor ao sofrimento. Fui bem atendida; agora, não trocaria a dor por todos os tesouros do mundo.

De todo o coração oferecia a Nosso Senhor todos os meus sofrimentos. A consolação de Jesus e a salvação das almas – eis minha única aspiração [...] O amor à oração, minha única felicidade, conduziu-me a uma íntima e habitual união com Deus.”

A partir desse momento, Alexandrina uniu-se misticamente à Paixão de Cristo.

Em 1930, ela escrevia:

“Meu Deus, quero ser vítima pelos sacerdotes, pelos pecadores.”

Em 1934, ela ouviu Nosso Senhor lhe dizer:

“Estou sozinho em meus tabernáculos... abandonado e tão ofendido! Vem consolar-Me! Vem reparar!”

Alexandrina aceitou de bom grado os sofrimentos por amor a Jesus. Não dissera ela, em 1936:

“Se me fosse possível suportar todos os sofrimentos do mundo, eu não os recusaria, contanto que Jesus fosse amado por todos.

Ó Jesus, quem me dera poder dizer: de agora em diante, Vós não sereis mais ofendido! Não haverá mais almas que caíam no inferno. Quero sofrer muito, para que o Vosso Preciosíssimo Sangue não seja derramado inutilmente por nenhuma alma.

“Vem, ó dor bem-amada! Vem, dor caríssima! Somente tu me unes a Jesus!

Bendito seja meu querido Jesus, que me concedeu a maior riqueza que se pode possuir nesta vida: deu-me o sofrimento, meu maior tesouro!

Penso que a eternidade não será suficiente para agradecer-Lo por tantas graças, tantos benefícios, tantas riquezas com que me cumulou, ao dar-me a Sua Cruz.”

Ao contemplar Nosso Senhor Jesus Cristo crucificado e recordar tudo o que Ele suportou por mim, não posso recusar-Lhe nada, nada. Pelo contrário, digo-Lhe: ainda mais, meu Jesus, sempre mais!”



Alexandrina suportou com paciência sua vida de dores como uma fonte de graças:

“Posso assim oferecer ainda mais a Jesus, e Ele pode distribuí-las às almas. Quero consolar o Seu Divino Coração, tão ferido. Quero que o meu sofrimento seja como um incenso puríssimo que se eleva continuamente ao Céu.”

Um dia, em 1941, ela ouviu Jesus dizer-lhe:

“Eis, minha filha, tuas dores pelos sacerdotes. Sofre por eles. O sofrimento repara.”

Alexandrina relatou um diálogo que teve com Nosso Senhor:

“Vem, minha filha, sobe ao Calvário com doçura e amor. Teu sofrimento Me dá muita consolação e salva muitos pecadores. Coragem!”

Depois, Jesus me disse:

‘Minha filha, há em Lisboa um sacerdote que está prestes a cair no inferno. Ele Me ofende gravemente. Chama teu diretor espiritual e pede-lhe autorização para sofrer a Minha Paixão, de modo ainda mais intenso, por esse sacerdote.’”

Tendo recebido a autorização, Alexandrina sofreu enormemente:

“Sentia quão gravemente esse sacerdote ofendia Nosso Senhor. Sentia também a indignação de Nosso Senhor contra ele.

Jesus dizia-me: ‘O inferno! O inferno!...’

E eu tinha a impressão de que esse padre ia realmente cair lá. Então eu dizia:

‘Não, não, meu Jesus! Não o inferno! Ele peca, mas eu serei sua vítima — não apenas quando ele comete o pecado, mas durante todo o tempo que Vós quiserdes.

Não o inferno, meu Jesus; eu sofro por ele. Imolai o meu corpo, mas poupai-o das penas eternas.’

Jesus revelou-me o nome dele: era o Padre X...

Durante toda a Paixão, eu sentia a ferida que ele provocava no Coração de Jesus. Que ferida dolorosa! Eram como espadas que continuamente traspassavam o meu pobre coração.

Meu corpo foi horivelmente maltratado, mas o sacerdote não caiu no inferno. Benditos sofrimentos!”

O padre Pinho, diretor espiritual de Alexandrina, procurou o cardeal Cerejeira, patriarca de Lisboa, para saber se algum de seus sacerdotes lhe causava preocupação. O cardeal confirmou que sim.



Alguns meses depois, Dom Davide Novais contou ao padre Pinho um fato singular.

Dom Davide acabara de pregar um retiro em Fátima, no qual participara um homem muito discreto, notável por seu comportamento exemplar. Na última noite do retiro, esse homem sofreu um mal súbito no coração.

Após pedir um sacerdote, conseguiu confessar-se e comungar. Pouco depois, morreu reconciliado com Deus.

Soube-se então que esse homem, vestido como leigo, era um sacerdote — precisamente aquele por quem Alexandrina havia tanto sofrido.

Em 1953, Alexandrina expressou novamente o necessário desejo de união com Deus em favor dos sacerdotes — união da qual os fiéis também se beneficiariam:

“Deveríamos todos viver numa ascensão — ascensão rumo a Nosso Senhor — ajudando-nos mutuamente, e o sacerdote vivendo plenamente sua vida sacerdotal.

Oh, como eu gostaria, como seria feliz se houvesse muitos sacerdotes, e se todos vivessem da vida interior, da vida de Deus nas almas!

Que soubessem viver essa vida, e compreendê-la!

Então, todos unidos, cheios de boa vontade e com o auxílio dos sacerdotes, nossa vida seria uma ascensão gloriosa: iríamos subindo, subindo, batendo nossas asas, apesar das manchas, e pouco a pouco nos purificaríamos, nos tornaríamos brancos — brancos como a neve.”

Em 1935, ela foi mensageira de Nosso Senhor para pedir a Roma a consagração do mundo ao Imaculado Coração de Maria, assim como a irmã Lúcia em Fátima e Berthe Petit na Bélgica.

Faleceu em 13 de outubro de 1955, aniversário do grande milagre de Fátima. Cerca de quarenta sacerdotes assistiram a seu funeral.

Sua missão na terra foi resumida nestas três palavras:

“Amar, reparar, sofrer.”

